

Uma breve discussão sobre a homoafetividade em obras da Literatura Brasileira

A brief discussion about homoaffectivity in works of Brazilian Literature

Una breve discusión sobre la homoafectividad en obras de la Literatura Brasileña

Lucas Santos de Assis¹
Moisés Monteiro de Melo Neto²

Resumo

Assis, L. S. de; Neto, M. M. de M. Uma breve discussão sobre a homoafetividade em obras da Literatura Brasileira. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 149-170, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2249](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2249)

Perseguidos arduamente, pessoas homoafetivas suprimiam e ainda suprimem seus desejos. Atualmente, a comunidade LGBTQIA+ conseguiu alguns direitos de cidadania, mas ainda há o medo do retrocesso e, constantemente, sofre com os atentados de grupos preconceituosos. Este artigo apresenta uma breve discussão sobre algumas obras da Literatura Brasileira que discutem a temática da homoafetividade. O trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, iniciando-se com um apanhado histórico da homoafetividade no Brasil, da colônia até os dias atuais; partindo para uma discussão sobre os conceitos *homoafetividade* e/ou *homoerotismo*, que discorre sobre como a relação entre pessoas do mesmo sexo é mais uma manifestação do desejo humano; Em seguida, são debatidas e analisadas algumas obras brasileiras tematizadas pela homoafetividade.

Palavras-chave: Homoafetividade. Homoerotismo. LGBTQIA+. Literatura brasileira.

Abstract

Assis, L. S. de; Neto, M. M. de M. A brief discussion about homoaffectivity in works of Brazilian Literature. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 149-170, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2249](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2249)

Hardly persecuted, homoaffectivity people suppressed and still suppress their desires. Currently, the LGBTQIA+ community has achieved some citizenship rights, but there is still fear of regression and constantly suffers from attacks by prejudiced groups. This article presents a brief discussion on some works of Brazilian Literature that discuss the theme of homoaffectivity. The work is the result of a qualitative bibliographical research, starting with a historical overview of homosexuality in Brazil, from the colony to the present day; moving on to a discussion about the concepts of homoaffection and/or homoeroticism, which discusses how relationships between people of the same sex are yet another manifestation of human desire; and then, some Brazilian works themed around homoaffectivity are debated and analyzed.

Keywords: Homoaffectivity. Homoeroticism. LGBTQIA+. Brazilian literature.

Resumen

Assis, L. S. de; Neto, M. M. de M. Una breve discusión sobre la homoafectividad en obras de la Literatura Brasileña. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 149-170, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2249](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2249)

Muy perseguidos, los homosexuales reprimieron y aún reprimen sus deseos. Actualmente, la comunidad LGBTQIA+ ha logrado algunos derechos de ciudadanía, pero todavía existe el temor de una regresión y sufre constantemente ataques por parte de grupos prejuiciosos. Este artículo presenta una breve discusión sobre algunas obras de la literatura brasileña que abordan el tema de la homoafectividad. El trabajo es resultado de una investigación bibliográfica cualitativa, a partir de un panorama histórico de la homosexualidad en Brasil, desde la colonia hasta nuestros días; pasando a una discusión sobre los conceptos de homoafectividad y/u homoerotismo, que analiza cómo las relaciones entre personas del mismo sexo son una manifestación más del deseo humano; y luego, se debaten y analizan algunas obras brasileñas con temática sobre la homoafectividad.

Palabras clave: Homoafectividad. Homoerotismo. LGBTQIA+. Literatura brasileña

Data de submissão: 23/02/2024

Data de aceite: 30/04/2024

¹ Mestrando em Linguística, pelo Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: lucas.assis@fale.ufal.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9477-5461>.

² Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2011). professor da UNEAL (Universidade Estadual de Alagoas) e da UPE (Universidade Estadual de Pernambuco). E-mail: moises@moisesneto.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1186-7334>.

1. Introdução

Atualmente, é notório o esforço e a perspicácia de pesquisadores e escritores que contemplam, em suas produções, temas que se opõem e perturbam o modelo dos costumes conservadores/tradicionais estabelecidos na civilização. Entre esses assuntos polêmicos, temos a questão da homoafetividade, que há muitos anos chama a atenção de religiosos e das vertentes científicas.

A comunidade homoafetiva, marginalizada socialmente, passou/passa por “maus bocados” durante bastante tempo, em que a autorrepreensão foi a maneira encontrada para esconder sua sexualidade, temendo o julgamento do outro (Trevisan, 2018). A não aceitação dessa parcela da sociedade suscitou perseguições, para que os acusados de práticas homoafetivas pudessem ser levados a julgamento e punidos, com o pretexto de causarem desordem aos *bons costumes* da civilização. Tais punições ocorreram em diversos lugares do mundo, ao ponto de chegarem a ser tão bárbaras que a morte era tida como certa.

Considerado como algo constrangedor de se falar, os estudos culturais, de gênero e de sexualidade (Butler, 2022) vêm ganhando espaço nos ambientes acadêmicos. Ainda são temáticas tratadas de forma amedrontada, pois, princípios e conceitos conservadores são postos em análise em uma comunidade na qual tais valores têm, novamente, crescido de maneira alarmante. Nessa época, em que os traços normativos do que é ser *mulher* e o que é ser *homem* estão postos em xeque (Butler, 2022), a discussão sobre tal dilema é inegável e de suma importância.

Desse modo, o presente trabalho apresenta e discute, brevemente, o quesito das relações homoeróticas/homoafetivas³, com ênfase na masculina, na Literatura Brasileira, mostrando o desejo erótico entre pessoas do mesmo sexo como algo que está presente na sociedade desde muito tempo e que foi aceito nas mais diferentes manifestações culturais (Costa, 1992; Lopes, 2002).

O interesse pela pesquisa surgiu pelo fato de a comunidade LGBTQIA+⁴ ser, incessantemente, calada por associações ou indivíduos preconceituosos. Buscando dar voz e revitalizar os direitos conquistados por essa comunidade. Mostrando-se pertinente ao procurar esclarecer e entender as relações homoafetivas em uma das representações artística mais aclamada, a literatura. Assim, desejamos que a pesquisa contribua para que os leitores adquiram uma percepção acerca de como o

³ Usamos termos homoafetividade e/ou homoerotismo, neste trabalho, de forma sinônima, pois ambos podem ser utilizados para se referir à relação sexual ou afetiva, que envolvem pessoas de um mesmo sexo.

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais orientações sexuais e gênero.

homoerotismo foi e ainda é representado na Literatura Brasileira, revelando a importância de mantermos em circulação os estudos que envolvem questões de gênero e sexualidade.

Para obter os resultados desejados, foi seguida uma pesquisa básica qualitativa, pois, pretende-se explorar os dados sem valores quantificáveis, levando em conta o valor subjetivo do tema investigado (Prodanov; Freitas, 2013), de forma a diversificar o arcabouço intelectual. Analisamos as informações por meio do procedimento bibliográfico, partindo de uma leitura analítica de textos que discutem a temática da homoafetividade publicados nos últimos trinta anos.

Diversos autores serão adotados para o embasamento teórico, dos quais citamos: Costa (1992), Green (2019), Lopes (2002) e Trevisan (2018). Na discussão acerca do percurso histórico, de como as relações homoeróticas eram/são tratadas no Brasil, será seguido os pressupostos de Green (2019) e Trevisan (2018) que se apresentam como dois dos principais pesquisadores sobre a temática em solo brasileiro. Costa (1992) e Lopes (2002) são utilizados para o debate sobre a questão do homoerotismo e a homoafetividade, pois Costa foi o primeiro pesquisador psicanalista a introduzir o termo *homoerotismo* em território brasileiro, e Lopes contribui para o tema por meio de suas discussões no conjunto de ensaios *O homem que amava rapazes e outros ensaios* (2002), trazendo o termo *homoafetividade* para designar a relação entre pessoas do mesmo sexo.

A pesquisa encontra-se estruturada em três seções. Na primeira, tratamos de forma resumida o caminho trilhado pela homoafetividade em solo brasileiro dos tempos coloniais a atualidade, abordando suas conquistas e figuras que ficaram marcadas na história pelo seu modo de transgredir com a heteronormatividade. Na segunda seção, discutimos os termos *homoafetividade* e/ou *homoerotismo*, mostrando a relação entre pessoas do mesmo sexo uma das variantes possíveis de subjetividade humana, partindo dos pensamentos de Costa (1992) e Lopes (2002).

A terceira seção é dedicada à discussão de diversas produções literárias brasileiras, de renomados escritores que se propuseram a tratar de relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Finalizando o artigo com as considerações finais.

2. Breve percurso da homoafetividade me solo brasileiro

Com a chegada dos portugueses às terras que então seriam batizadas de Brasil, foram notados, entre os povos originários dessas terras, costumes que alarmaram os colonos adaptados ao modo de vida europeu. Além de suas terras férteis e paisagens deslumbrantes, como Pero Vaz de Caminha descreveu em carta ao então rei de Portugal, o que chamava a atenção dos viajantes de além-mar eram as *criaturas* que viviam nessas terras como animais, andavam nus e não tinham o menor senso de pudor.

Entre os vários costumes que os habitantes nativos, o que mais veio chocar os colonos portugueses, principalmente, os mais ligados à religião, foi por praticarem relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo. Pois, no período medieval, dominado pela teologia da Igreja Católica, era considerada como um dos maiores pecados cometidos, referindo-se a ela como *peccatum nefandum* (pecado nefasto) (Trevisan, 2018), utilizando os termos *sodomia* e *pederastia* para a designar a na época.

Como é discutido por María Lugones (2014; 2020), a sodomia e/ou pederastia era tida como normal em diversas etnias indígenas. Além dos papéis sociais do gênero feminino e masculino, impostos pela sociedade branca europeia da época, não existirem, ou seja, a idealização da *mulher frágil* e do *homem forte* não prevalecia sobre esses povos, uma vez que as atividades direcionadas aos homens, por exigir certo grau de força, tanto eram realizadas por índias, como por índios, e os traços físicos não variavam muito de um sexo para outro, como mostra Avé-Lallement, em 1859, ao viajar pela região nordestina do Brasil, tentando “uma explicação ao escrever que, entre os índios Botocudo, não havia homens e mulheres mas homens-mulheres e mulheres-homens” (Trevisan, 2018, p. 64).

O alemão Karl von den Steinen, fazendo uma excursão pelo Brasil central, em 1894, pode testemunhar que, dentro do *baito* (casa dos homens), os rapazes de determinada tribo mantinham relações entre si. Tais relações não se estendiam somente aos membros masculinos, mas também aos femininos.

Durante o período colonial, vigorava na Europa a Inquisição, e valendo da aceitação de certas manifestações devassas que prevaleciam nas terras brasileiras, os emigrantes europeus encontraram uma forma de manifestar seus desejos proibidos. Os bordéis eram locais comumente frequentados por soldados, marinheiros e autoridades administrativas do corpo colonial. Viajantes que aqui aportavam, se referiam ao Brasil como uma terra onde o clima tropical incitava nas pessoas as práticas mais sórdidas que se podiam imaginar (Trevisan, 2018).

Por volta da segunda metade do século XVII, a Inquisição chega ao Brasil para colocar sua população nas *rédeas* e começar uma verdadeira perseguição ao pecado da sodomia.

Pierre Moreau reportou a grande incidência de incestos e pecados contra a natureza “pelos quais muitos portugueses foram condenados à morte”. Ele menciona ainda o caso de um capitão holandês que, por prática de sodomia, foi primeiro degredado para a Ilha de Fernando de Noronha e depois para os cárceres de Amsterdam (Trevisan, 2018, p. 68).

Por meio de uma variedade de métodos punitivos bastante sádicos, as vítimas não eram medidas por classe social, todas eram castigadas de acordo com o nível do pecado cometido. Afogamento, empalamento, banimento da cidade ou do país, prisão, pagamento de multa, confisco de bens, açoite, castração, amputação das orelhas, marca com ferro em brasa e morte na fogueira, eram alguns dos caminhos para o sodomita. Mesmo com tais medidas punitivas postas em vigor pela Inquisição, era comum membros da aristocracia cometerem o tal *pecado nefasto*.

No Brasil colônia, os julgamentos eram regidos pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, que era o braço direito da Igreja Católica e possuía total apoio da realeza. Para medir os pecados e checar se tudo estava nas devidas ordens, era solicitado pelas autoridades de cada província um membro visitador do Conselho Português. Com a chegada do membro designado, começavam as confissões de testemunhas que presenciaram pessoas cometendo algum tipo de *desvio pecaminoso*, caso a testemunha não denunciasse imediatamente esses atos, também viria a sofrer as devidas punições.

Durante o período inquisitorial brasileiro, diversas punições por sodomia foram realizadas nas mais distintas camadas sociais da época: membros do alto escalão social, meros camponeses e escravos. Banidos do país e condenados à pena de morte, até que a Inquisição começou a esfriar e chegar ao seu fim.

Proclamada a independência brasileira e a consolidação do Império do Brasil, novas ordens e leis foram promulgadas para regulamentar a nova nação ocidental e seus habitantes. Mesmo com essas mudanças legislativas, o código penal ainda vigente tratava-se das Ordenações Filipinas, que foram adotadas ainda no tempo da colônia e adaptadas para o Império, em 1823 (Trevisan, 2018). Nesse conjunto de códigos era determinado que a pessoa apontada e acusada como *sodomita* deveria ser transformada em pó pelo fogo, para que de seu corpo não existisse o menor índice de

lembrança, e seus bens confiscados pela Coroa, impedindo seus descendentes de usufruir, sendo assim, condenados à infâmia.

Na França, em 1810, Napoleão estabeleceu novos códigos penais, os então *Códigos Napoleônicos*, que retirava o crime do homossexualismo da sua listagem de delitos. Inspirado no que havia de mais recente e considerado avançado na jurisdição da época, o Império do Brasil atualiza as Ordenações Filipinas, no ano de 1830. Nessa nova atualização, o delito da *pederastia* deixa de existir e passa a integrar uma nova categoria, as de crimes por ofensa à moral e aos bons costumes:

o Artigo 280 do Código brasileiro punia atos públicos de indecência com dez a quarenta dias de prisão e uma multa correspondente à metade do tempo de reclusão. Essa provisão deu margem para que a polícia pudesse determinar o que constituía um ato de indecência. Deu-lhe também o poder de extorquir dinheiro daqueles ameaçados de detenção ou reclusão (Green, 2019, p. 67).

Trevisan (2018, p. 164) afirma que, com a chegada da República, um novo código penal foi estabelecido, em 1890, tais crimes ainda eram determinados como atentado e ofensa à moral, nomeados de crimes contra a segurança da *honra e honestidade das famílias* e também como *ultraje público ao pudor*. Entretanto, sua penalidade era mais rígida que a adotada pelo Império, variando de um a seis meses de reclusão social. O Código Penal Republicano sofre pequenas alterações nos anos 1932 e 1940. Essas modificações não foram tão relevantes, apenas diminuía o tempo de prisão do crime contra os *bons costumes* e repudiavam a divulgação de materiais midiáticos que trouxessem ofensa.

Em 1964, com a Ditadura instaurada em todo o território nacional, a censura vem para sufocar as manifestações dos grupos marginalizados na sociedade. A Lei n. 5250, de 9 de fevereiro de 1967, conhecida como Lei de Imprensa, punia severamente qualquer tipo de atentado ao pudor nos meios comunicativos do país. Amparado de tal lei, o governo ditatorial crava as garras da censura na imprensa brasileira, reprimindo qualquer tipo de apoio aos direitos de pessoas homoeroticamente inclinadas.

Nas décadas de 1960, 1970 e 1980, mesmo sobre o tenaz olhar dos militares da ditadura brasileira, diversos artistas conseguiram driblar a censura e manifestar, em suas produções, conteúdos até então “proibidos”, mesmo que para isso fizessem o uso de figuras de linguagem para não deixarem de forma tão explícita seus temas.

Finalmente as ruas da cidade se tornam espaço de visibilidade de personagens gays, seja numa tônica entre libertário e o panfletário, reveladores até do lado odara de tantos super-homens, seja simplesmente

com um tom neo-naturalista, que mescla as questões de sexualidade com as mazelas sociais, econômicas e políticas de um país que implementa cada vez mais um projeto modernizante excludente, às sombras de um regime autoritário (Lopes, 2002, p. 135).

O meio musical foi um dos mais efervescentes críticos do regime ditatorial, esses artistas denunciavam as políticas adotadas pelos governantes e as péssimas condições em que as classes sociais menos favorecidas eram submetidas, acusados de causarem desordem e tumulto contra a pátria, sofrendo, severamente, com prisões e exílios em outros países.

Caetano Veloso, compositor e cantor, conseguiu quebrar as barreiras com seu estilo único de fazer música. Junto com seu amigo Gilberto Gil, idealizou o movimento Tropicália na segunda metade da década de 1960, visando criar músicas com um tom brasileiro. Buscou inspirações no Movimento Antropofágico, de Oswald de Andrade, que pretendia transfigurar elementos da cultura internacional e misturá-los com os brasileiros, para gerarem algo considerado legitimamente brasileiro.

As referências ao homoerotismo não foram excluídas nesse meio, emergindo tanto nas letras das músicas de diversos cantores, como em seus modos de se apresentarem. O então citado Caetano Veloso, em algumas de suas músicas, perceptivelmente, traz traços homoeróticos, exemplo disso é a canção *Menino do Rio*, que vem tratar de certo fascínio pelos rapazes que frequentam as ensolaradas praias cariocas.

Menino vadio
Tensão flutuante do Rio
Eu canto pra Deus proteger-te
O Havaí seja aqui
Tudo o que sonhares
Todos os lugares
As ondas dos mares
Pois quando eu te vejo eu desejo o teu desejo
Menino do Rio
Calor que provoca arrepio
Toma esta canção como um beijo (Veloso, 1979).

Aspectos homoeróticos são identificados em composições de outros notáveis artistas, como Ney Matogrosso, considerado um dos verdadeiros precursores. O seu jeito de se vestir em apresentações, com maquiagens chamativas e roupas bem exóticas, beirando a nudez em alguns momentos, tornaram Ney em uma figura em que a homoidentidade é palpável, como discorre Green:

Na condição de superastro do rock, a forma aberta com que Ney Matogrosso abordava sua sexualidade ofereceu um novo modelo para muitos homossexuais. Ele falava com orgulho do modo como provocava desejo tanto em homens quanto em mulheres (GREEN, 2019, p. 423).

Os anos Sessenta e Setenta marcaram com seu modo de emergir na sociedade o então tema do grupo LGBT. Todavia, com o aparecimento da AIDS, nos anos 1980, é instaurado certo pânico nessa comunidade, uma vez que, seu surgimento e sua proliferação foram atribuídos às relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo. O indivíduo de inclinação homoafetiva foi, mais uma vez, marginalizado e massacrado por toda a comunidade, na qual ser gay passou a ser sinônimo de algo doentio e contagioso, novamente.

A AIDS veio a configurar-se como uma mazela punitiva ao grupo LGBTQIA+ pelo motivo de não seguirem com o estigma normativo da sexualidade humana, “... a Aids é não só um elemento de afirmação da condição estrangeira do homossexual, mas de redefinição de sua afetividade, de reencontro” (Lopes, 2002, p. 144). Tratando-se de uma nova doença, o conhecimento acerca de seus sintomas era quase inexistente. Sem métodos adequados que pudessem impedi-la de se expandir e sem tratamentos eficientes, ela contaminou e matou milhares de pessoas em um curto período de tempo. O público gay, então, se viu acuado e amedrontado.

Figuras públicas foram vítimas da pandemia, podemos citar Cazusa, que veio a falecer com as sequelas da nova doença. Diante desse cenário de caos, grupos e organizações LGBTQIA+ de vários estados do Brasil começaram a informar e conscientizar o público sobre métodos de prevenção à doença.

No decorrer dos anos 1990, após a queda da ditadura, o tema da homoafetividade já estava enraizado nas correntes publicitárias. Meios comunicativos como revistas, jornais e programas já debatiam e divulgavam temas como sexo e sexualidade. Um exemplo disso é a revista *G Magazine*, a primeira revista em território nacional a tratar, explicitamente, do nu masculino. Seu público-alvo foram os homens gays, mas também cativou a atenção das mulheres heterossexuais.

Com seus nus radicalmente sexuais, a *G Magazine* abriu portas nunca sonhadas pelos militantes da visibilidade homossexual: através de tiragens médias de 90 mil exemplares, que chegaram a atingir o pico de 150 mil, o país inteiro podia conferir seus ídolos em poses explícitas ao gosto de outros homens, numa revista assumidamente guei (Trevisan, 2018, p. 347).

Chegando a vender milhares de exemplares mensalmente, seu sucesso foi absoluto. Em suas edições, modelos masculinos posavam sem nenhuma vestimenta, ostentando seus membros viris rígidos, no chamado *mostrando tudo pra valer*. Os ídolos escolhidos para tal proeza variavam desde jogadores de futebol, modelos,

atores e cantores. A revista encerrou suas atividades no ano de 2013.

A Parada do Orgulho LGBT, popularmente conhecida como Parada Gay, teve sua primeira edição no ano de 1997, na cidade de São Paulo, com a participação de apenas 2.000 pessoas. Entretanto, seus números vieram a crescer no decorrer dos anos. Considerada a maior concentração de domínio LGBTQIA+, foi e ainda é o maior evento de luta pelos direitos homossexuais no Brasil. Sua realização acontece anualmente e atrai pessoas de diversas regiões do Brasil e do mundo. É através de manifestações como essa que possibilitam as pessoas expressarem seus desejos e pedirem que os outros respeitem seus valores e sua forma de amar.

Mesmo com os ares do novo milênio que favoreciam a representatividade homoafetiva, o primeiro beijo gay a ser exibido em rede nacional brasileira só veio acontecer em 2014, na *Rede Globo*, com a novela do horário nobre *Amor à Vida*. Os atores responsáveis por contracenar esse marco na história televisiva brasileira foram Mateus Solano (no papel de Félix) e Thiago Fragoso (no papel de Niko). Já no meio internacional tais feitos já tinham ocorrido há algum tempo.

Em 2005, o filme *Brokeback Mountain* abordou, nas telas do cinema, o amor homoafetivo entre dois *cowboys*, foi aplaudido de pé por numerosos críticos e indicado a vários prêmios, incluindo oito indicações ao Oscar, saindo vencedor de três estatuetas. Mais recentemente, temos o filme *Call Me By Your Name* (2017), baseado no romance de mesmo nome escrito por André Anciman, narrando o calor da primeira paixão entre dois jovens gays.

Atualmente, a classe LGBTQIA+ desfruta de direitos melhores que em épocas anteriores. Todavia, tais direitos ainda precisam de incentivo político para que sejam postos em prática no meio social, não somente para estar escrito em um papel legislativo. Devemos a evolução das discussões sobre sexualidade e gênero à coragem das numerosas figuras do passado que ousaram em suas formas de ser.

3. Homoafetividade e/ou homoerotismo: manifestação do desejo humano

A relação entre pessoas do mesmo sexo, como visto anteriormente, foi alcunhada como perversão e crime hediondo contra as doutrinas sagradas do cristianismo, passando a ser nomeada, por volta do século XIX, como homossexualismo. Fundando, cientificamente, a caricatura do ser homossexual, e este passa a receber uma carga psicológica que o concluía como indivíduo portador de traços doentios que o desviava da heterossexualidade.

Por meio de algumas conquistas almeçadas por esse grupo marginalizado na sociedade global, as expressões homossexualismo e homossexual tenderam a cair em desuso. Sobretudo, pelos estudos acadêmicos inovadores que enlaçam esses temas, começando nomeá-los como *relações homoafetivas*, *homoafetividade*, ou ainda, os revolucionários termos *homoerotismo* e *homoerótico*.

Para Costa (1992, p. 43), “homoerotismo é um termo usado por Sandor Ferenczi, psicanalista húngaro, contemporâneo de Freud, para discutir o tema da homossexualidade”. Segundo as percepções apontadas pelo autor, o termo *homoerotismo* é preferível a homossexualidade, ao conseguir ganhar um embaraço maior, desrotulando toda a carga pejorativa, desenvolvida na sociedade oitocentista, embutida na expressão homossexualidade, mostrando a relação homoafetiva como algo natural da espécie humana. Principalmente, quando visa estudos literários de obras homoeróticas, onde o erotismo circundante no interior da obra, muitas vezes, se configura como recurso estético.

Lopes (2002) prefere designar a relação entre pessoas do mesmo sexo como *homoafetividade*, relacionando-a não somente com o ato sexual, mas com as relações de amizade existentes dentro das entidades homosociais, ou seja, organizações inteiramente compostas por indivíduos de um único sexo, ao identificar que “uma política da homoafetividade busca alianças para desconstruir espaços de homosociabilidade homofóbicos ou heterofóbicos, ao mesmo tempo que pensa, num mesmo espaço, as diversas relações entre homens (ou mulheres), como entre pai e filho, entre irmãos, entre amigos, entre amantes” (Lopes, 2002, p. 38).

Seguindo essa linha de raciocínio, discutir sobre homoafetividade não é explanar unicamente a prática do sexo gay, mas analisar um campo bem maior, enlaçando reações afetivas e sentimentais entre pessoas de um mesmo sexo. E ao ser bem desenvolvido e compreendido, contribui para desconstruir a noção dominante de que as relações afetivas, sem intuito sexual, entre seres humanos de um mesmo sexo, principalmente o masculino, são inexistentes ou que não possuem certo grau de sentimentalidade. Algo que sempre foi estruturado pelo conservadorismo da sociedade patriarcal, de que para ser portador de um verdadeiro caráter másculo, o indivíduo masculino, em hipótese alguma, deveria nutrir laços afetivos com outro.

Como opina Souza (2010), o termo *homoerotismo* engloba a designação proposta por Lopes, tendo em vista que *erotismo* vem do mito grego de Eros, o deus da erotização e do amor, já que “Eros é o impulso que leva o homem a unir-se a outra

pessoa, não só sexualmente ou por outras modalidades de amor, mas nele excitando a ânsia do conhecimento, impelindo apaixonadamente a procurar a união com a verdade” (May, 1978, p. 86 *apud* Souza, 2010, p. 46).

Dentro dessa visão, da figura grega de Eros, a relação homoerótica não é algo unicamente sexual, podendo ser associada entre as noções de sentimentalismos que não visam o coito sexual, como a relação entre amigos ou a afetividade mantida entre pai e filho e, “provavelmente, uma eventual rejeição ao termo pode estar associada ao fato de que o erotismo, no senso comum, é fortemente relacionado a questões sexuais” (Souza, 2010, p. 46).

O indivíduo que se assume total ou parcialmente homoeroticamente inclinado sempre foi taxado pela sociedade de não possuir masculinidade suficiente para se construir no meio social com o indenítário de homem. Mesmo para aqueles que se assumem bissexuais, capazes de manter atividade sexual com os dois sexos, sempre restou o mesmo olhar perverso e preconceituoso da maioria das pessoas de não ser merecedor dos atributos referenciativos masculinos, pois

a prática do homoerotismo é incompatível com as relações heteroeróticas. Ou seja, faz-se coincidir todas as possibilidades de expressão homoerótica com uma de suas figuras, qual seja, a do homem cuja atração por outro homem exclui a capacidade de manter relações sexuais com mulheres. Isso entretanto é uma caricatura. Não é verdade que todos os homens com aptidão para se relacionar homoeroticamente sejam incapazes de se relacionar sexualmente com mulheres (Costa, 1992, p. 26).

Esse pensamento é o motivo de inúmeros sujeitos manterem a sua sexualidade reprimida, principalmente em ambientes homossociais preconceituosos. E, ao fazer o uso da expressão homoerotismo, não estamos desenvolvendo unicamente as relações de cunho sexual ou afetivo entre indivíduos de um mesmo sexo, e sim a habilidade que o ser humano possui em sentir desejo erótico pelos dois sexos. Pois, temos o conhecimento da capacidade de um homem ou de uma mulher em manter relações bissexuais, determinando o desejo erótico como algo transitório de corpo para corpo.

Ao investigar, historicamente, as relações homoafetivas, encontramos o modelo de práticas homoeróticas presentes na sociedade grega clássica, atribuído como um estilo particular de educação. Consistindo em um homem mais velho, nomeado de *erastes*, em escolher um jovem, conhecido por *erômenos*, para educá-lo nos moldes vigentes da época que, por consequência, introduzi-lo na iniciação sexual, como afirma Andrade (2017, p. 59):

Na Grécia Antiga, era comum um homem adulto ter relações sexuais com um jovem. Nessa concepção, Dover (2007) apresenta o filósofo grego Sócrates, o qual era adepto ao amor homossexual e afirmava que o coito anal correspondia a melhor forma de inspiração. A visão do filósofo quanto ao sexo heterossexual, era a de que servia apenas para procriar. Para a educação dos jovens atenienses, esperava-se que os adolescentes aceitassem a amizade e os laços de amor com homens mais velhos, para absorver suas virtudes e seus conhecimentos de filosofia.

Essa relação só era aceita desde que o mais jovem se relacionasse com um homem mais rico, detentor de posses significativas, este exercendo o papel de ativo, e o aquele de passivo, ambos membros livres da sociedade grega. Caso o jovem tivesse relações com um homem pobre, sem poder aquisitivo, a relação decaía aos baixos níveis da sordidade.

Assim, a normatização de uma identidade masculina estabelecida pelos modos conservadores entra em colapso, pois ao se assumir homoeroticamente inclinado, o indivíduo não está abandonando seus portos físicos ou características masculinas, apenas afirmando que seu objeto de desejo sexual é distinto da maioria que se assume heterossexual e que veio se estabelecer, durante um longo período, como o *normal*. A *normalidade* ou *natural* são aspectos que mudam conforme o tempo e o local, com é compreensível ao se estudar a prática homoafetiva em diversas culturas e eras.

4. A homoafetividade em páginas da Literatura Brasileira

No meio literário do Brasil, são raras as obras que narram o afeto homoerótico, sobretudo nos séculos anteriores. Já na atualidade, com as conquistas da classe LGBTQIA+, essas obras passaram a se destacar, consideravelmente. Ao investigar o acervo da Literatura Brasileira, é possível encontrar produções de autores que descrevem laços homoafetivos/homoeróticos entre seus personagens.

É evidente que os primeiros traços de uma produção literária dotada em fatos homoafetivos se dão nos períodos do Realismo e do Naturalismo. No ano de 1888, Raul Pompeia publica seu único romance, *O Ateneu*, contemplando os acontecimentos de uma escola interna de rapazes. No decorrer da obra, são perceptíveis trechos que fazem alusão às relações homoafetivas mantidas pelo grupo discente, como fica compreensível na seguinte citação referente a um diálogo entre os personagens Sérgio e Rebelo:

Um tropel de rapazes atravessou-nos a frente, provocando-me com surriadas.
“Viu aquele da frente, que gritou calouro? Se eu dissesse o que se conta

dele... aqueles olhinhos úmidos de Senhora das Dores... Olhe; um conselho aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se.

“Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelo para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento do mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores (Pompeia, 2013, p. 40).

No diálogo, Rebelo orienta o novato Sérgio a ser um garoto forte, pois os que não conseguiam proteger-se, sentiam-se na obrigação de arranjar um protetor, conseqüentemente, mais experiente nas vivências do colégio e que acabava por submeter o indefeso a seus caprichos, que no caso do referido romance, faz alusão da submissão do mais fraco aos desejos eróticos do mais forte. “Mesmo as práticas sexuais não sendo narradas, as posições sociais dentro do espaço eram bem configuradas, o forte sempre seria considerado como macho, enquanto o fraco seria visto como um sujeito feminino (Castro, 2017, p. 8-9).

Em *O Cortiço* (1890), do naturalista Aluísio Azevedo, o narrador traz o caso da prostituta Léonie que seduz Pombinha, uma moça virgem residente do cortiço. Mesmo esquivando-se, Pombinha entrega-se sexualmente e, ao abandonar seu noivo, começa a viver com Léonie, passando a prostituir-se também. No trecho abaixo, é narrado o início da relação íntima entre as duas personagens que transcorre durante uma visita de Pombinha à casa da prostituta.

Bem! Agora estavam perfeitamente a sós!

- Vem cá, minha flor!... disse-lhe, puxando-a contra si e deixando-se cair sobre um divã. Sabes? Eu te quero cada vez mais!... Estou louca por ti!

E adorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo-a de espanto e de um intuitivo temor, cuja origem a pobrezinha, na sua simplicidade, não podia saber qual era (Azevedo, 2011, p. 127).

Mesmo com essas duas obras predecessoras, é em 1895 que chega ao acervo da Literatura Brasileira o primeiro romance inteiramente voltado à relação homoerótica, *Bom-Crioulo*, do cearense Adolfo Caminha. A história de *Bom-Crioulo* segue os personagens Amaro (apelidado de Bom-Crioulo) e Aleixo, que passam a viver uma relação amorosa em alto-mar, na Marinha Imperial Brasileira.

Quando publicado, o romance sofreu com forte censura da crítica literária vigente que, além de trazer um tema tido como tabu e patologia humana, a relação sexual entre dois homens, indo contra as diretrizes dos ditos *bons costumes* da

sociedade oitocentista, o fato de ter um negro (Amaro) ditando ordens a um jovem branco (Aleixo), contribuiu para maior repressão do livro no meio editorial e de seu autor no meio social.

Green, na obra *Além do Carnaval* (2019), discorre sobre uma figura que conseguiu almejar uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, João do Rio. Jovem quando adentrou os círculos literários de sua época, seu principal ramo era o jornalismo, mas produziu alguns textos literários como o conto. Em suas produções, João menciona os pontos de prostituição masculina do Rio de Janeiro, na primeira década dos anos 1900. Segundo Green, as explorações de João do Rio nessas localidades deixam marcada a sua sexualidade, além de outras menções feitas por outros autores e figuras do meio jornalístico às predileções sexuais de João.

A preferência sexual evidente de João do Rio por outros homens nos leva a especular a respeito dos sentidos múltiplos de sua celebração da arte de passear. Embora pouco se conheça dos detalhes de suas aventuras eróticas, suas andanças noturnas pelas ruas da capital à procura de materiais jornalísticos inovadores podem também ter-lhe proporcionado a oportunidade de desfrutar da companhia sexual de marinheiros, soldados e figuras comuns, que eram personagens de seus artigos e relatos (Green, 2019, p. 107).

Desse modo, é possível inferir que João do Rio relacionou-se com tais indivíduos, uma vez que, nesses locais de prostituição masculina da Capital brasileira, soldados e marinheiros eram assíduos frequentadores. Green (2019) ainda afirma, posteriormente, que Lima Barreto faz uma caricatura de João do Rio no personagem Raul de Gusmão, que contrata um fuzileiro naval para relações sexuais, em seu romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909).

Considerado como um dos maiores nomes do cânone literário do Brasil, se não o maior, Machado de Assis publica, em 1906, uma coletânea de contos intitulada *Relíquias da Casa Velha*. Nessa compilação, encontramos o conto *Pílades e Orestes*, que narra a história de dois amigos, Quintanilha e Gonçalves, que vivem harmoniosamente juntos. No decorrer do texto, a forte relação entre os dois, que não passava despercebida dos olhos da sociedade, é discutida de forma explícita: “A união dos dois era tal, que uma senhora chamava-lhes os ‘casadinhos de fresco’, e um letrado de Pílades e Orestes.” (Assis, 1906, s/p).

O título do conto faz alusão à peça teatral *Ifigénia entre os Tauros*, do grego Eurípedes, em que a dupla de amigos, Pílades e Orestes, compartilhava de sentimentos homoafetivos, cuidando um do outro e, ao serem capturados e levados a

sacrifício, Píldades oferece sua vida no lugar da de Orestes.

Adentrando ao contexto literário do Modernismo, encontramos um considerável conjunto de obras que discutem a relação afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo. A sexualidade de Mário de Andrade sempre foi bastante discutida, mesmo que o autor não tenha exposto suas relações sexuais mantidas com outros homens, é algo que já foi afirmado por seus contemporâneos colegas escritores e pesquisadores da sua vida e obra. Em seu conto *Frederico Paciência*, presente na coletânea *Contos Novos* (1947), publicada dois anos após sua morte, assim como no romance de Raul Pompeia, vem discorrer sobre uma amizade bastante afetuosa entre dois garotos, Frederico e Juca, que surge no colégio.

No decorrer da narrativa, Juca e Frederico passam a se envolver cada vez mais, mantendo-se juntos, defendendo e ajudando um ao outro, idealizando planos para o futuro de nunca separarem-se, o que não ocorre. Vejamos um trecho da obra, com destaque à afetividade que envolvia os dois garotos:

Em um jogo de cabeças unidas quando sentávamos para estudar juntos, de mãos unidas sempre, e alguma vez mais rara, corpos enlaçados nos passeios noturnos. E foi aquele beijo que lhe dei no nariz depois, depois não, de repente no meio duma discussão [...] Dei o beijo, nem sei! [...] Frederico Paciência recuou, derrubando a cadeira. O barulho facilitou nosso fragor interno, ele avançou, me abraçou com ansiedade, me beijou com amargura, me beijou na cara em cheio dolorosamente (Andrade, 2017, p. 104).

Na Primeira Fase Amadiana, ou Fase Proletária, com uma produção voltada para o meio socialista político do Brasil da década de 1930 (Bosi, 2017), Jorge Amado concebe o romance *Capitães da Areia* (1937). A trama gira em torno de um grupo de meninos moradores das ruas de Salvador que fazem do roubo seu único meio de sustento. Focando na extrema marginalização social a que eram submetidos e aos maus tratos exercidos a eles pelas instituições educacionais, policiais e clericais da época.

O título do romance nomeia esse grupo de garotos de rua, exclusivamente, composto de figuras masculinas, possuindo apenas como identidade feminina a personagem Dora, que sempre entretinha-se nas atividades denominadas masculinas do bando, como a capoeira. Na trama, é mostrada a relação homoafetiva entre dois personagens integrantes desse espaço, Almiro e Barandão.

O Sem Pernas notou que ele se dirigia para o outro extremo do trapiche, onde a areia era mais fina ainda. Foi então pelo outro lado e chegou a tempo de ver Barandão que se encontrava com um vulto. Logo o reconheceu: era Almiro, um do grupo, de doze anos, gordo e preguiçoso. Deitaram-se juntos, o negro

acariciando Almiro. O Sem Pernas chegou a ouvir palavras. Um dizia: "meu filhinho", "meu filhinho" (Amado, 1937, p. 61).

Os dois mantinham seus atos afetivos em segredo, longe dos demais. Ao ter conhecimento do caso, o chefe do grupo, Pedro Bala, os proíbe de continuarem. Além dessa referida passagem do romance, existem outras que aludem a esse relacionamento homoerótico.

Seguindo essa linha de relações transgressoras da hegemonia heteronormativa, Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* (1956), resgata a situação do cenário árido do Nordeste brasileiro e seus contracenantes (vaqueiros, cangaceiros, jagunços etc.). Tido como um espaço majoritário da personificação dos papéis estritamente masculinos, o autor faz o uso de Diadorim, uma mulher travestida de homem, para construir a idealização total de um homem jagunço, dotado de qualidades exclusivamente direcionadas aos indivíduos másculos, como a coragem. E que nutria sentimentos amorosos recíprocos por seu companheiro, o também jagunço Riobaldo, que o considerava como um verdadeiro guerreiro.

Podemos notar que Guimarães Rosa, ao construir a personagem Diadorim e a afetividade enlaçada com Riobaldo, põe em evidência os “reflexos de uma masculinidade que foge aos padrões sociais, que questiona as fraquezas e as crises enfrentadas pelos homens ao lidarem com suas masculinidades” (Castro, 2017, p. 10).

Já no meio da dramaturgia, a peça *O Beijo no Asfalto* (1961), de Nelson Rodrigues, vem discutir sobre os sentimentos homoafetivos. O drama gira entorno do beijo que o personagem Arandir dá em um homem que acabou de ser atropelado. Tal cena é presenciada por inúmeras pessoas e passa a ter enorme repercussão por meio dos jornais e da polícia que persegue Arandir, exigindo mais revelações acerca da situação que envolve os dois protagonistas do beijo. O desfecho se dá de forma surpreendente, ao ser revelado, por Aprígio (sogro de Arandir), seus sentimentos amorosos ao assassiná-lo por ciúmes.

ARANDIR (atônito e quase sem voz) - O senhor me odeia porque. Deseja a própria filha. É paixão. Carne. Tem ciúmes de Selminha.
APRÍGIO (num berro) - De você! (estrangulando a voz) Não de minha filha. Ciúmes de você. Tenho! Sempre. Desde o teu namoro, que eu não digo o teu nome. Jurei a mim mesmo que só diria teu nome a teu cadáver. Quero que você morra sabendo. O meu ódio é amor. Por que beijaste um homem na boca? Mas eu direi o teu nome. Direi teu nome a teu cadáver. (Aprígio atira, a primeira vez. Arandir cai de joelhos. Na queda, puxa uma folha de jornal, que estava aberta na cama. Torcendo-se, abre o jornal, como uma espécie de escudo ou de bandeira. Aprígio atira, novamente,

varando o papel impresso. Num espasmo de dor, Arandir rasga a folha. E tomba, enrolando-se no jornal. Assim morre)
APRÍGIO Arandir! (mais forte) Arandir! (um último canto) Arandir!
(Rodrigues, 2012, p. 58).

Até aqui, uma produção literária voltada para o tema da homoafetividade e/ou do homoerotismo é em certo grau significativa. Entretanto, é apenas no início dos anos 1980 que os estudos acerca de tais temáticas começam a serem discutidos no âmbito acadêmico. Adentrando diversas universidades do Brasil, ganhando espaços ao serem abordados por pesquisadores que seguiam os pensamentos de teóricos já consagrados para analisar as representações de gênero, sexualidade e como se identificavam no meio social.

Era um tempo de efervescências políticas, com o início do declínio do governo ditatorial, e o estouro de diversos movimentos sociais por todo país, pedindo por melhores condições de trabalho, igualdade social e saneamento básico. As metrópoles brasileiras viam-se com um crescente índice de pobreza, obrigando inúmeros membros das classes marginalizadas, que não conseguiam emprego, prostituírem-se nas ruas, mesmo amedrontados com a AIDS, para conseguirem sua subsistência. Acabando por comercializar o sexo, possibilitando o encontrar dos mais variados desejos sexuais e eróticos.

Tendo esse panorama da sociedade de 1980, o dramaturgo Zeno Wilde decide retratar, em sua peça *Blue Jeans* (1980), a classe dos prostitutas masculinos das noites cariocas e as situações sórdidas às que eram submetidos. Trazendo quatro personagens, michês (para designar prostitutas), estigmatizados pelo drama da prostituição e que, juntos, narram, quase que em uma única voz, suas vivências e os desafios encontrados nesse meio.

Como profissionais do sexo, esses personagens se dispunham às práticas tanto homoeróticas como heterossexuais. Entretanto, o autor traz em exclusividade a homoafetividade dessas figuras, tanto no travesti Gracinha, como nos demais (Marcos, Serginho e Reguitem) que viam no sexo homo mais uma possibilidade de aumentar sua renda, como afirma o personagem Marcos, em uma das passagens da peça:

Mas quem é profissional não escolhe sexo. O que cair na rede, é peixe! Quer ver só? Se eu sair com um senhor, às sete, oito horas, e transar com ele numa só de passivo... se aparecer outro cliente, lá pelas madrugada, eu posso faturar com ele também... porque eu me poupei da primeira vez, não me gastei... Com mulher não dá... elas querem que a gente goze sempre... e com mulher só dá pra ser ativo. Aí eu acabo tendo prejuízo (Wilde, 1980).

Perseguido pela Ditadura Militar, que perdurou de 1964 a 1985, Caio Fernando Abreu é um dos vários nomes da leva de autores dos anos 1980. Com uma produção que abrange diversos gêneros literários, veio direcionar parte de suas obras às relações de cunho homoafetivo/homoerótico, fortemente prestigiada em seus contos.

Morangos Mofados (1982) traz um dos seus textos fortemente marcado pela revelação de uma sexualidade homoafetiva, *Sargento Garcia*. Transcorrendo o encontro de desejo e intimidade sexual entre um militar, o então Sargento Garcia, e um adolescente que se apresenta ao exército. Os dois se dirigem a um motel, já conhecido pelo sargento, e se entregam aos seus devaneios eróticos.

Deitei de costas. Fechei os olhos. [...] Então um corpo pesado caiu sobre o meu e uma boca molhada, uma boca funda feito poço, uma língua ágil lambeu meu pescoço, entrou no ouvido, enfiou-se pela minha boca, um choque seco de dentes, ferro contra ferro, enquanto dedos hábeis desciam por minhas virilhas inventando um caminho novo (Abreu, 2018, p. 373).

Já no conto *Caçada*, da coletânea *Pedras de Calcutá* (1977), é contada a violência e o preconceito direcionado às pessoas que mantêm relações homoafetivas e que, mesmo integrantes da classe LGBTQIA+, por muitas vezes, ao serem reprimidos em revelar seus desejos eróticos, acabam por direcionar sua fúria violenta aos que são assumidos publicamente.

Um mapeamento da homotextualidade na literatura brasileira passa pela identificação de categorias estéticas articuladoras, como o campo de estudos de gêneros literários, como cartas e diários, ou de obras que encenam mais direta ou enviesadamente elementos biográficos; pelos estudos de espaços, das instituições mais fechadas, totais, para usar o termo de Erving Goffman, como o internato e as forças armadas, dos lugares mais interditados, como pensões ou casas noturnas, ou dos lugares mais privados, como o quarto, até a conquista do espaço ao ar livre, das ruas da cidade, da expressão na esfera pública e da eventual ressignificação da casa para além da opressão familiar; pelos estudos de figuras (a ambiguidade do adolescente tímido, do travesti, da mulher masculinizada, do solteirão/solteirona, do bissexual, associados à construção do olhar e do desejo (Lopes, 2002, p. 124).

Como afirma Lopes, ao serem abordados os temas da homoafetividade, a maioria dos autores da Literatura Brasileira faz o uso de cenários predominantemente considerados masculinos como o meio militar (*Bom-Crioulo* e *Sargento Garcia*) e o internato (*O Ateneu* e *Frederico Paciência*). Além de outros espaços, evidenciando que a inclinação homo de indivíduos não está ligada única e exclusivamente a um determinado contexto, mas que se estende a todos os compartimentos e épocas da sociedade.

O romance *O Terceiro Travesseiro* (1997), de Nelson Luiz de Carvalho, apresenta uma história baseada em fatos. Na obra é narrada a relação homoafetiva entre dois jovens da classe média paulista, o preconceito e os sentimentos conturbados vivenciados pelos amantes. Principalmente quando passam para uma relação bissexual a três com uma garota.

As obras citadas demonstram sua importância ao revelar fatos históricos e desenvolver como o homoerotismo era tratado em tempos variados. E mesmo nas épocas de forte reprimenda para os indivíduos de inclinação homoafetiva, eles sempre estavam ali, desde as classes privilegiadas da sociedade até as menos abastardas. Assim, precisamos levar em consideração todo o caráter sócio-político que engloba a obra “os sistemas de signos, significados linguísticos e culturais, as redes que abarcam as figurações de gênero e identidade, e também a função estética, para não perpetuarmos a valorização de obras apenas pelas nossas crenças e preconceitos” (Castro, 2017, p.8).

Ainda é um campo da literatura um tanto desafiador para o escritor se aventurar, em virtude da repressão que o tema possui, mesmo após as conquistas da causa LGBTQIA+. Nas primeiras décadas do século XXI, entretanto, a produção de narrativas homoeróticas, de diversos autores nacionais e internacionais, passou a ganhar mais destaque, estendendo-se além do meio literário, passando para o cinematográfico, o teatral e o televisivo.

Concretizamos que essas obras se configuram como uma crítica social ao mostrar o desprezo, o preconceito, a violência e a ignorância a que os indivíduos homoafetivos estavam sujeitos. Além de contribuir para a quebra das normas que sujeitavam as relações homoafetivas à patologia e em viabilizar a discussão de um tema menosprezado pelo meio editorial e social.

5. Conclusões

As relações homoafetivas sempre foram reprimidas em diversos contextos históricos e culturais, principalmente em decorrência da hegemonização da sociedade caucasiana europeia. Entrementes, também já foram aceitas abertamente em sociedades como a Antiga Roma. Assim, tais relações sempre existiram e continuarão a existir em cenários diversos, mesmo recaindo sobre si o enorme peso da não aceitação por parte de indivíduos envoltos em ideologias naturalizadas socialmente que não abrem espaços às mais diversas existências de subjetividades humanas.

Desde os anos 1980, os debates sobre gênero e sexualidade vêm ganhando espaço nas academias, contribuindo para ampliar as percepções acerca de tais temáticas. Bem como, a publicação de diversas obras literárias transgressoras que rompem com o senso binário de gênero. Neste trabalho, propomos um estudo acerca de algumas obras da Literatura Brasileira que narram relações homoafetivas em suas páginas, que colaboram para desrotular essas relações como anormais e pecaminosas.

Apresentamos um pequeno levantamento do percurso da homoafetividade em território brasileiro, da colônia aos tempos atuais, e como algumas leis regulamentavam as relações homo, bem como trouxemos nomes de algumas figuras importantes para as causas da comunidade LGBTQIA+. Discutimos os conceitos de homoafetividade e/ou homoerotismo, trazendo a Roma Antiga como um exemplo histórico e cultural de aceitação das relações homoafetivas, e nos debruçamos acerca de algumas obras da Literatura Brasileira, desde o Realismo e o Naturalismo aos anos 2000, que narram relações entre pessoas do mesmo sexo.

Mesmo com uma considerável alavancada dos estudos sobre sexualidade e gênero, ainda há forte reprimenda por parte de setores conservadores. Precisamos estar atentos a movimentos que buscam, incessantemente, apagar existências humanas em decorrência de preceitos normatizadores que classificam as pessoas em sexo, gênero e raça. E todos aqueles que divergem da imagem do homem branco, cristão e cisheterossexual são relegados às margens da sociedade, aos maltratos, a perseguição e a obliteração de seus corpos. Lutemos! Por uma sociedade em que a igualdade e equidade de direitos prevaleça.

Referências

- ABREU, C. F. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das letras, 2018.
- AMADO, J. *Capitães da areia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.
- ANDRADE, M. *Contos novos*. Barueri – SP: Novo século editora, 2017.
- ANDRADE, T. S. M. O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga. *Faces da História*, v. 4, n. 2, p. 58-72, 2017.
- AZEVEDO, A. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 2011.
- AZEVEDO, S. *Adolfo Caminha*. Fortaleza: EUFC, 1999.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- Blue Jeans. Disponível em: https://kupdf.net/download/zeno-wilde-blue-jeans_639c2c8ce2b6f5272565b260pdf. Acesso em: 26 de jun. 2023.
- BLUTER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- CAMINHA, A. *Bom-Crioulo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2012.
- CARVALHO, N. L. *O terceiro travesseiro*. 15.ed. São Paulo: GLS, 2016.
- CASTRO, M. L. UM BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA HOMOERÓTICA NO BRASIL. *In: Jogo do livro e II seminário internacional latino americano*, 2018, Belo Horizonte. Palavras em Deriva, 2018. v. 1.
- COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2019.
- LOPES, D. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- Menino do Rio – Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/menino-do-rio.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- Pílades e Orestes. Disponível em: <https://amavelleitor.blogspot.com/2018/11/pilades-e-orestes.html>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- POMPEIA, R. *O Ateneu*. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.
- RODRIGUES, N. *O beijo no asfalto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- SOUZA, W. M. Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras. *Monografia* (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, p. 153. 2010.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.